



FASCIOTOMIA NA SÍNDROME COMPARTIMENTAL E SUAS IMPLICAÇÕES

Iasmim Caetano Rodrigues¹

Luis Antonio Macedo Milhomem¹

Isadora Perilo Reis Coutinho¹

Leonardo Massini¹

Danillo Gomes Leite²

A síndrome compartimental é tida como uma elevação na pressão intersticial dentro do compartimento ósseo-facial, assim como no aumento da pressão intra-abdominal, gerando grande dificuldade de irrigação e inervação para o compartimento afetado, causando grande morbidade e mortalidade. Devido ao subdiagnóstico, sua prevalência é de difícil estimativa. Sua fisiopatologia gira em torno de uma lesão tecidual, mais comumente uma fratura, dando início a uma hemorragia interna e consequente edema no interior da fáscia, elevando sua pressão e podendo causar isquemia da região, devido à redução da perfusão das arteríolas no local. Uma vez após a instalação da síndrome, a fasciotomia se torna um método de escolha para desfecho de tal caso. O objetivo deste trabalho é reconhecer a importância da fasciotomia para o tratamento da síndrome compartimental e suas consequências para o paciente. Para isso, foi feita uma revisão bibliográfica em bases de dados como *SciELO* e Google Acadêmico, delimitando o período de 2019 a 2023, utilizando descritores como “síndrome compartimental”, “tratamento” e “fasciotomia”, sendo selecionados 3 artigos, foram excluídos artigos que não contemplavam o objetivo. Nesse sentido, a síndrome compartimental apresenta um quadro de dor que tende a desaparecer em repouso, porém há a necessidade de tratamento pois ainda há o risco de isquemia local. Nesse contexto, é imprescindível destacar a fasciotomia como tratamento desse imbróglio em virtude da sua ação amenizadora da pressão, além de tratar a perda circulatória no osso, visto que é um procedimento cirúrgico onde a fáscia muscular é cortada para prevenir danos irreversíveis aos tecidos e melhorar o suprimento sanguíneo. Ademais, destacam-se como desvantagens da fasciotomia tradicional uma probabilidade maior de infecções, disfunções neuromusculares subsequentes e dor

¹ Discente do curso de Medicina do Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES), Campus Trindade. E-mail: iasmim.rodrigues2015@outlook.com

² Docente do curso de Medicina do Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES), Campus Trindade.



intensa logo após o método cirúrgico e um longo período de recuperação, devido ao processo de cicatrização ser lento. Além disso, é grande o potencial de danos à integridade estrutural do osso, tendo em vista a abertura da fáscia para descompressão. Entretanto, a técnica de fasciotomia endoscópica apresenta resultados contrários ao exposto acima, possuindo uma recuperação rápida e pouca presença de complicações. Dessa forma, a decisão de realizar uma fasciotomia deve ser feita por uma equipe médica experiente, levando em consideração a avaliação clínica dos pacientes e os exames diagnósticos. Ante ao exposto, pode-se concluir que a fasciotomia é a melhor forma de tratamento da síndrome compartimental, tendo em conta resultados mais eficazes em relação às formas não cirúrgicas de intervenção, uma vez que esse procedimento pode atenuar o quadro causado pela síndrome em questão, onde há um sofrimento tecidual, com redução do fluxo sanguíneo e, conseqüentemente, necrose muscular. Por possuir um diagnóstico dificilmente realizado no início, é descoberta de forma tardia, sendo assim, é essencial que uma equipe multidisciplinar analise o quadro dos pacientes, a fim de que haja a realização do procedimento cirúrgico eficaz.

Palavras-chave: Fasciotomia. Síndrome Compartimental. Tratamento.